

EM COMBATE PELO BRASIL: A INTERPRETAÇÃO DE SÍLVIO ROMERO NO FINAL DO SÉCULO XIX (1870-1888)

Cícero João Costa Filho¹
 Leandro do Carmo Quintão²

Recebido em: 06/12/2024

Aprovado em: 12/03/2025

Resumo: Sílvio Romero foi um dos mais conhecidos críticos literários da Geração 1870, formada por intelectuais como Capistrano de Abreu, José Veríssimo, Graça Aranha, Machado de Assis, etc. Convicto nas ideias do naturalismo, dentre estas, a luta do mais forte (*Struggle of live*), tanto no plano biológico como no das ideias, Sílvio Romero sistematizou uma história da literatura brasileira conforme os critérios da crítica moderna, apontado estes em sua produção literária. Numa época em que o conceito de literatura não estava ligado às belas letras, e sim as artes no geral, as Teorias consideradas científicas, fundamentadas por Taine, Buckle, Scherer, Saint-Beuve, Lessing, Winckleman, De Sanctis, eram ferramentas das análises sociais brasileiras, chaves explicativas, utilizadas pelas elites intelectuais brasileiras como meio de descobrir as causas do atraso do país, propor seus remédios, e assim, colocar o mesmo nas trilhas do progresso. Reconhecendo a cultura popular, a influência dos tangedores de bois, das missas de sua cidade natal, Lagarto, Romero é um pensador racista, que associa estilos literários a raça; acredita que a luta dos mais forte se dar no campo das ideias, o evolucionismo, o positivismo e o determinismo são fundamentais para entendermos sua compreensão de Brasil, esboçada em sua *História da Literatura Brasileira*.

Palavras-chave: Silvio Romero, Raça, Literatura, Política, Evolucionismo.

IN COMBAT FOR BRAZIL: SÍLVIO ROMERO'S INTERPRETATION AT THE END OF THE 19TH CENTURY (1870–1888)

Abstract: Sílvio Romero was one of the best-known literary critics of the 1870 Generation, formed by intellectuals such as Capistrano de Abreu, José Veríssimo, Graça Aranha, Machado de Assis, etc. Convinced in the ideas of naturalism, among these, the struggle of the strongest (*Struggle of live*), both on the biological and ideas planes, Sílvio Romero systematized a history of Brazilian literature according to the criteria of modern criticism,

¹ Doutorado e pós-doutorado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: cicerojoaofilho@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5246-8201>.

² Doutor em História pela UFES. Docente do Instituto Federal do Espírito Santo. E-mail: leandro.quintao@ifes.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0148-3328>.

pointing these out in his literary production. At a time when the concept of literature was not linked to belles lettres, but to the arts in general, the Theories considered scientific, founded by Taine, Buckle, Scherer, Saint-Beuve, Lessing, Winckleman, De Sanctis, were tools of Brazilian social analysis, explanatory keys, used by the elites Brazilian intellectuals as a means of discovering the causes of the country's backwardness, proposing its remedies, and thus, putting it on the path of progress. Recognizing popular culture, the influence of ox herders, and the masses of his hometown, Lagarto, Romero is a racist thinker, who associates literary styles with race; believes that the struggle of the strongest takes place in the field of ideas, evolutionism, positivism and determinism are fundamental to understanding his understanding of Brazil, outlined in his *History of Brazilian Literature*.

Keywords: Silvio Romero, Race, Literature, Politics, Evolutionism.

EN COMBATE POR BRASIL: LA INTERPRETACIÓN DE SÍLVIO ROMERO A FINALES DEL SIGLO XIX (1870-1888)

Resumen: Sílvio Romero fue uno de los críticos literarios más conocidos de la Generación de 1870, conformada por intelectuales como Capistrano de Abreu, José Veríssimo, Graça Aranha, Machado de Assis, entre otros. Convencido de las ideas del naturalismo, entre ellas, la lucha del más fuerte (Struggle for life), tanto en el plano biológico como en el de las ideas, Sílvio Romero sistematizó una historia de la literatura brasileña según los criterios de la crítica moderna, los cuales se evidencian en su producción literaria. En una época en que el concepto de literatura no estaba vinculado exclusivamente a las bellas letras, sino a las artes en general, las teorías consideradas científicas, fundamentadas por Taine, Buckle, Scherer, Sainte-Beuve, Lessing, Winckelmann, De Sanctis, eran herramientas del análisis social brasileño, claves explicativas utilizadas por las élites intelectuales del país para descubrir las causas del atraso nacional, proponer sus remedios y así encaminarlo hacia el progreso. Reconociendo la cultura popular, la influencia de los tocadores de bueyes, de las misas de su ciudad natal, Lagarto, Romero es un pensador racista que asocia estilos literarios con la raza; cree que la lucha de los más fuertes ocurre en el campo de las ideas. El evolucionismo, el positivismo y el determinismo son fundamentales para entender su comprensión del Brasil, esbozada en su *Historia de la Literatura Brasileña*.

Palabras clave: Silvio Romero, Raza, Literatura, Política, Evolucionismo.

Introdução

O nome de Sílvio Romero estar ligado ao novo método de interpretar as leituras brasileiras. Crítico literário por excelência, o bacharel sergipano combateu primeiramente o romantismo dos escritores brasileiros, com seu bando de ideias novas divulgadas pela Escola do Recife. Influenciado pelas correntes do naturalismo europeu (determinismo, positivismo e evolucionismo), Sílvio extrapolou o conceito de literatura, invadindo áreas além da crítica literária, fazendo crítica sociológica, segundo Antonio Cândido (1945), adentrando os

estudos folclóricos, perquirindo os inúmeros males brasileiro que muitas vezes chamou atenção em seus livros. Herdeiros das antigas classes, de homens com presença forte no campo político – essa elite letrada frequentava as faculdades de direito e de medicina – a Geração de 1870 interpretou o Brasil não mais pelo viés romântico, escolheu como chave explicativa das leituras brasileiras o naturalismo, o positivismo e o determinismo, se é que possa existir separação entre esses elementos. Críticos da ordem republicana, socialmente não aceitavam uma ordem onde o romantismo explicasse as coisas de maneira cordial; aumentar o tamanho das matas e dos rios era um dos grandes males do Brasil, impulsionado pelo conhecimento do verdadeiro Brasil, uma das expressões muito utilizadas por Romero. Jovens entusiasmados pelas ideias novas, pelo modernismo que se referiu José Veríssimo, formaram grupos de estudos, divulgaram as ideias de civilização e progresso, apostando numa ordem republicana onde a democracia fosse uma verdade, uma vez que o império brasileiro não passara de um círculo de eleitos.

Araripe Júnior, Rocha Lima, Juliano Moreira, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Sílvio Romero, integraram a *Geração 1870*, com o intuito de derrubar a velha ordem imperial, o antigo Brasil e suas representações. Assimilando e divulgando os elementos da clássica tríade taeneana, de meio, raça e momento histórico, esses mosqueteiros intelectuais buscavam a modernização nas mais variadas áreas do Brasil. Os elementos da tríade taeneana caíram como uma luva nos novos grupos de jovens leitores que não cansavam de argumentar que conforme as leis da evolução – Darwin era lido e interpretado de várias maneiras, assim com o Positivismo, e o próprio sistema de física social foi influenciado pela lei da evolução – o atraso do Brasil devia-se a uma população biologicamente inferior, quando comparada com a população das nações europeias. Mas que isso, o clima e o meio eram nosso maior adversário, nenhum tipo de civilização era possível na Terra de Santa Cruz.

Com a missão literária de promover o progresso de um país atrasado, dada essa inferioridade biológica da população brasileira, Sílvio Romero, bacharel e que teve a crítica literária como profissão tratou de arrolar em sua *História da Literatura Brasileira* (1888) nossos males de origens, quais as causas de termos pobreza de pensamento, no campo das letras e das artes, na filosofia, na economia, e outras áreas. Preterindo os quadros sintéticos esboçados pelos escritores anteriores, Sílvio Romero se mostrou o maior polemista de sua época, abatendo todos os adversários, em nome da descrição de um “Brasil real”. Sílvio foge

a toda e qualquer especialidade do saber que, hoje, encontramos rigidamente demarcado, pois sua concepção era ampla, para ele literatura era toda manifestação do espírito humano, se opondo a ideia de belas artes, motivo de suas arengas literárias com Sotero dos Reis, Abreu e Lima, Varnhagen, Machado de Assis, José Veríssimo, e tantos outros.

Na segunda metade do século XIX, as tensões em torno dos temas da escravidão e da república davam a tônica nas rodas literárias da Capital Federal. De outro modo, na produção de jornais, revistas e romances, era corrente a temática de um país que não havia alcançado a modernidade. Em meio aos problemas da inferioridade biológica e da escravidão, sagazmente instrumentalizados por nossas elites, em nome de um futuro melhor (a República era identificada com o progresso da nação brasileira), Sílvio Romero, ainda que preso ao universo ilustrado e seletivo dos intelectuais, combateu tudo e todos. Denunciando os problemas brasileiros, o nacionalismo e a influência da ciência europeia foram a arma do intrépido Sílvio Romero em sua ânsia de um Brasil moderno. Polêmica, erudição, contradições, acusações e agressões diretas a seus adversários, assim como uma linguagem que falava das pessoas humildes, como o homem do campo – o tangedor de boi a benzedeira – que tão bem conhecia, marcou a significativa produção do combatente intelectual, político, intérprete e formulador de um Brasil regenerado dos males do passado.

Combates literários: uma cascavel vinda dos sertões de Sergipe³

A imagem de Sílvio Romero é bastante comprometida em função das inúmeras polêmicas que teve ao longo de sua carreira com as mais prestigiadas figuras do cenário literário, jornalístico e político brasileiro. Ao longo de seus quarenta anos de atividade literária, Sílvio esteve constantemente na arena literária, defendendo ou rebatendo ideias frente a seus opositores, muitas vezes se comportando de maneira agressiva, ferindo e humilhando frontalmente a honra pessoal do adversário. O próprio Romero descreve as origens de seu temperamento agressivo, marcado pelos insultos de seus irmãos mais velhos, motivo esse que o despertou para a crítica. Para além de uma análise de crítica psicológica que busca investigar as relações entre a produção artística e a personalidade do autor, toda a

³ Expressão utilizada pelo crítico literário Araripe Júnior em seu clássico trabalho. Cf. ARARIPE JUNIOR, Tristão de Alencar. Sílvio Romero, Polemista. Revista Brasileira, XV, 1898, PP. 185-203, 371-9; XVI, 1898, PP.112-21, 188-204; XVII, 1899, PP. 43-70; Os Anais, Rio de Janeiro, II, 15, 19 de janeiro de 1905, pp. 34-37.

produção de Sílvio é fortemente marcada por esse lado temperamental que ele mesmo tratou de legitimar ao longo de sua carreira literária. Utilizava de uma passagem de Tobias Barreto, amigo, conterrâneo, fundador da *Escola do Recife*, e que algumas vezes se apoiou no autor dos *Estudos Alemães*. Tobias Barreto foi um dos raros nomes que ficaram infensos às duras críticas de Sílvio Romero que anotava no início de sua *História da Literatura Brasileira*: “Se o fim dos que escrevem, como pensava o velho Villemain, é agradar, ninguém mais há falhado a esse fim do que o autor. Ele tem consciência de haver desagradado em toda a linha. Entretanto, não quer fazer supor que se tem na conta de um inocente, atacado sem motivo; não. A razão da bulha, da gritaria, dos insultos, sabe o autor que foi ele quem a forneceu” (ROMERO, 1960, p. 33).

A face polêmica de Romero ganha cada vez mais eco a partir de um artigo que até hoje encontra respaldo numa historiografia literária bastante conhecida, mas muito atualizada, norteando estudos e tornado indispensável para a *fortuna crítica* do autor de *O Brasil Social*. É o artigo de Araripe Junior, *Sílvio Romero, Polemista* (ARARIPE JUNIOR, 1898, pp. 185-203), crítico literário, cearense e contemporâneo de Romero, uma das vítimas de seus ataques, publicado na *Revista do Comércio* em 1898, integrante da *Academia Francesa* surgida em 1872 no Ceará – leitores de Comte, Buckle, Taine, Spencer etc. (AZEVEDO), Afirma o citado crítico literário que faltava a Romero a flexibilidade indispensável para lidar com as relações sociais nos grandes centros,

Um elemento, contudo, lhe faltava, - e isto é bastante para explicar a grita que se levantou então, - um elemento indispensável a todos aqueles que, propondo-se uma propaganda difícil, são forçados a realizá-la rapidamente e entre gente habituada aos requintes da vida incomparável das grandes capitais. Esse elemento é a sagacidade ou a polidez artificial dos centros civilizados, e a que Schopenhauer se referia, dizendo que, sem ela, os homens se entre devorariam. Sílvio Romero não a possuía. Apresentando-se na arena nu, como um atleta antigo, e com os seus hábitos de franqueza nortista, o crítico sergipano foi recebido a maneira de um bárbaro. Pouco importava que esse bárbaro trouxesse um cérebro iluminado pelos focos científicos do neocriticismo alemão. A dinâmica de suas idéias, a rudeza dos seus argumentos, a negação peremptória de um regime literário extinto na Europa, não podiam deixar de produzir, em seu espírito, indignações indefiníveis; estas não buscaram contornar a suscetibilidade dos que ainda sustentavam os programas de 1830 como expressão última do progresso (ARARIPE JUNIOR, 1898, p. 273)

Mas foi justamente o temperamento polêmico de Romero um dos motivos para sua extensa produção intelectual e contribuição ao pensamento brasileiro. O lado polêmico salientado por Araripe Junior chama atenção para um escritor de caráter agressivo,

temperamento violento que não se furtava a entrar nas discussões literárias e políticas sempre se contrapondo a seus adversários para mostrar seus ideais e responder, quando se sentia no direito, com posição definida. Sílvio se justificava afirmando que era agredido, injustiçado, perseguido e caluniado, motivo para suas duras respostas, e razão de alguns de seus livros. Desse modo, faz-se necessário relatar alguns episódios polêmicos da carreira literária de Romero,clareando a imagem do polígrafo agressivo e que dizia agir em nome da verdade, para só então partirmos para sua contribuição como intérprete do Brasil.

Iniciando pela análise do artigo de Araripe Junior, que era segundo Romero, “réplica a resposta que eu lhe havia dado relativa às suas objeções sobre nossa História literária” (ROMERO, 2002, p. 119). O cerne da discussão dizia respeito a quatro pontos, quais sejam: influência dos índios, apreciação dos cronistas, divergência dos núcleos primitivos e energia do clima. Contrário à Araripe, Romero dava mais influência à raça do que ao meio, apontando à falta de estudos dos negros por parte dos escritores brasileiros do período,

Devemos também iniciar os estudos africanos. O negro, espalhado pela África e América, é uma raça que oferece interessantes problemas. Muitos sábios europeus, seguindo o exemplo do ilustre Bleek, atiram-se a estas pesquisas. Façamos o mesmo. O negro e seu parente mestiço tocam o nosso povo bem de perto. Não sejamos presunçosos, nem tenhamos medo de dizer a verdade. (ROMERO, 2002, p. 123)

Interessado pelas origens da formação brasileira, era imprescindível para Romero averiguar a participação do negro, que segundo ele era um tema esquecido pela geração romântica, somente abordado de maneira descritiva por Martius, carecendo dos *nexos causais*. Sílvio polemizou com os escritores do Romantismo pelo fato desses estilizarem a realidade do país, exagerando a contribuição do negro, aumentarem o tamanho das matas e dos rios, oferecendo uma visão tupiniquim dos escritores brasileiros, “Já não é mais tempo de o representar na figura dum caboclinho, mais ou menos boçal, que se dava por agente de 1822 e supunha ter aqui suplantado o reinol...” (ROMERO, 1960, 36).

Zeveríssimações Ineptas da Crítica (1909), última obra de Sílvio, é um acerto de contas com o também crítico literário paraense José Veríssimo, por ele considerado de pouca capacidade filosófica, além de ter sido beneficiado pelos medalhões literários para seguir carreira literária no Rio de Janeiro, “Com os medalhões fundou revistas, ajudou a formar academias, fez círculos de palestras, nos quais havia, oh! maravilha rara! um curioso Five ó cloc-tea...” (ROMERO, 2002, p. 504). Com o hábito de apelidar seus adversários, denominou Veríssimo de *tucano empalhado, Saint Beuve boi, criticastro paraense, manhoso*

pescador, pescador de tartarugas, sedoso marajoara, patureba de Belém, atrazadíssimo criticalho, que

não comprehende a ethnographia, a historia e a philosophia, nada sabe de mythologia, de critica religiosa, de economia política, de direito, de moral, de sciencia social, o que importa dizer, que é um incapaz e um incompetente para julgar a vida intrínseca d'um povo qualquer, porque desconhece as mais rudimentares sciencias que se occupam das creações fundamentaes da humanidade. Não conseguiu passar dos primeiros annos da Polytechnica; fez uns pequeníssimos estudos de parclos preparatórios; abeberou-se em revistas de sovadas idéias geraes, de noções rápidas a respeito de todas as cousas, sem a mais leve especialisação; percorreu como amador alguns livros de Taine, de Brunetière, de Renan, principalmente d'este ultimo; encheu a cabeça de pedagogices suspeitas, de leituras de romancistas e poetas de segunda e terceira ordem, e achou-se preparado para julgar quaequer livros nacionais, que lhe vão caindo nas mãos". (ROMERO, 2002, p. 507)

Zeverissimações é um árduo revide ao *Zezé*, considerado por Romero um desconcedor da crítica, que só papagaiava sem ao menos conhecer o francês. Não poupou de retratar a alegada ignorância do crítico paraense quando este analisava uma publicação de Lichtenberg

Dificilmente poder-se-ia encontrar um mais autêntico documento da ignorância e incapacidade do famigerado tucano.

Nem de propósito, nem por encomenda, poderia ele fornecer um mais genuíno **testimonium paupertatis** de seu lastimável estado mental. Erros e ignorâncias acerca de triviais assuntos brasileiros abundam ali. Acerca de Schopenhauer, Nietzsche, metafísica, sistemas filosóficos, questões de arte, coisas políticas, não passa o tal artiguete de charivari de mil diabos. Cada tese tem na rabadilha a sua antítese um tecido pelo direito e pelo avesso um rosário de contradições por atacado nuns retalhos de poucas linhas. Que lástima.

Ora para que havia de servir o livro de Lichtenberg: José Veríssimo metido a falar de filosofia e filósofos, palavras que ele nem sabe soletrar!... (ROMERO, 2002, p. 532).

Sílvio queria mostrar de todas as formas que dominava várias línguas para comprovar sua capacidade de assimilar as *ideias novas*. Neste estudo, seu intuito é demonstrar que as leituras científicas se tornaram conhecidas no Brasil primeiramente no Recife, e que sabendo com facilidade o alemão, era ele o responsável pela introdução do *critério etnográfico*, razão maior de sua Crítica. Na verdade, Sílvio não se conformava em não ser reconhecido como o introdutor do critério etnográfico, considerado científico, rivalizando, assim, com José Veríssimo. Sempre defendeu o pioneirismo de seu grupo do Recife, que teria sido o primeiro

a conceber as ciências sociais no Brasil a partir da cultura alemã, salientando a importância das raças⁴.

As acusações de Sílvio com relação a Veríssimo eram graves, apontava os diversos empregos do crítico paraense, dentre estes, ser diretor da *Revista do Comércio*, devido a relações amistosas que tinha com Escragnole Taunay, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Ferreira de Araújo, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Arthur de Azevedo, Medeiros de Albuquerque, Graça Aranha, Magalhães de Azeredo, João de Souza Bandeira, Rodrigo Otávio e Oliveira Lima. Concluía Romero:

Por meio da luta e só da luta não obteria nada, absolutamente nada.
A prova temo-la no seu desastradíssimo concurso de historia...
Nem as duas poderosas muletas do envenenado Capistrano de Abreu e do nobilíssimo Gabaglia o puderam salvar do pavoroso desastre que o deveria ter feito emudecer por vinte anos, se ele tomasse mais a serio a devastação das derrotas irreparáveis.
Medalhões que lhe fabricaram renome, jornais que lhe dão dinheiro e fornecem a arena para exibições diárias e semanais, homens poderosos que lhe garantem empregos ou comissões não lhe bastariam. (ROMERO, 2002, p. 506)

Outra polêmica que marcou profundamente a face pública de Sílvio foi com Machado de Assis. O livro dedicado ao ilustre romancista brasileiro é um protesto contra a fama e a capacidade machadiana, que para Sílvio não era merecida; Tobias Barreto era superior ao escritor carioca. Para Lafayette Rodrigues, o livro bem poderia se chamar Tobias Barreto. Não aceitava Sílvio a consagração literária de Machado, enaltecido por aqueles que legitimavam a imagem do escritor mais ilustre do Brasil em benefício próprio. Considerava

⁴ Que é Literatura? e outros escritos publicado em 1907 é a causa para que tempos depois, em 1914, Sílvio publicasse as suas *Zeveríssimas Ineptas da Crítica*. O cerne da discussão entre Romero e Veríssimo se dá por que o paraense considera Francisco Adolfo de Varnhagen “o instituidor da nossa História literária”. Não admite Romero o argumento de Veríssimo de considerar o autor do *Florilégio* e da *História Geral* a hipótese de “Continuo a sustentar, e todos os documentos me dão razão, que Varnhagen foi o instituidor da nossa História literária, principalmente da História literária como a concebeu e realizou o Sr. Sílvio Romero na sua *História da Literatura Brasileira*, cuja inspiração e economia derivam muitíssimo mais das locubrações de Varnhagen que das generalizações, ainda desapoiadas de uma informação completa e exata, de Fernando Denis ou Norberto Silva. O que eu quis e quero dizer, é que Varnhagen foi o primeiro que, depois de Barbosa Machado, um simples e desconchavado bibliófilo, fez pesquisas e achados dos nossos documentos literários, suprindo ou completando as lacunas do bibliófilo português, e ao invés dos seus antecessores, que quase só da poesia se ocuparam, abrangendo nas suas pesquisas e estudos todos os produtos da nossa incipiente vida espiritual. Sei perfeitamente (relevem-me o vitupério) o que antes dele fizeram Norberto Silva e Ferdinand Denis, Bouterwek e Sismondi, etc. Mas tudo o que estes fizeram antes de Varnhagen, o único deles talvez que tinha capacidades de erudito e não foi um simples repetidor, é inferior, pálido, e descolorido em comparação da obra de Varnhagen sobre as nossas origens literárias. VERÍSSIMO, José. Que é Literatura? E outros estudos. São Paulo: Landy, 2001.

o autor de *Brás Cubas* um mau escritor e um poeta de terceira ou quarta ordem. À luz da crítica composta por escritores como Hennequim, Taine, Scherer e Fauguet, afirmava que Machado era “um representante do espírito brasileiro, mas num momento mórbido, indeciso, anuviado, e por um modo incompleto, indireto, e como que a medo” (ROMERO, 2002, p.205). Continuava descrevendo o espírito machadiano que “não possui ainda ideais conscientes a realizar, nem um corpo de tradições e feitos históricos que constituam uma espécie de modelo, de paradigma para ações futuras” (ROMERO, 2002, p. 205). O estilo machadiano era senão a

fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa. Correto e aneiroso, não é vivace, nem rutilo, nem grandioso, nem eloquente. É plácido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulário e da frase. Vê-se que elle apalpa e tropeça, que sofre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Sente-se o esforço, a luta. Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como fazem outros na palavra falada, disse-me uma vez não sei que desabusado n'um momento d'expansão, sem reparar talvez que dava-me destarte uma verdadeira e admirável notação critica. Realmente, Machado de Assis repisa, repete, torce, retorce tanto suas idéias e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão d'um perpétuo tartamudear. Esse veso, esse sestro, para muito espírito subserviente tomado por uma coisa conscientiosamente praticada, elevado a uma manifestação de graça e humor, é apenas, repito, o resultado de uma lacuna do romancista nos órgãos da palavra. (ROMERO, 2002, p. 180)

Sílvio considera o romancista um homem “frívolo e inofensivo como é, é tanto mais para ser combatido, quanto pela dubiedade de seu caráter político e literário em nada pode ajudar a geração que se levanta e a quem insinua-se por amigo” (ROMERO, 2002, p. 144). Desprestigiou o dito *mestre incomparável do romance nacional* primeiramente em razão da concepção literária de Machado, um esteta, cujo nome maior seria o próprio Romero; em segundo lugar, por ser Machado um intelectual “sem convicções políticas, literárias ou filosóficas, não é, nunca foi um lutador. Esse auxiliar de todos os ministérios, esse rábula de todas as ideias, é, quando muito, o conselheiro da comodidade letrada” (ROMERO, 2002, p. 144-145). O modelo de escritor combatente e polêmico que era Sílvio era o oposto ao escritor artista, plácido que seria Machado. O escritor carioca, assim como Veríssimo e tantos outros, sofreram críticas devido à ausência de “nacionalidade” presente em suas respectivas obras. Em relação a Machado, Romero afirmava: “não tem, por certo, tido influência quase nenhuma no espírito nacional, não pelas razões apontadas pelo Sr. José Veríssimo; porem pura e simplesmente pela índole mesma de seu gênio literário: a falta de calor, de

comunicabilidade, de entusiasmo, de vida, essa centelha de proselitismo própria das almas combatentes". (ROMERO, 2002, p. 334)

Machado era, para Romero, a representação de uma visão de mundo arcaica, que precisava ser combatida, porque “simboliza hoje o nosso Romantismo velho, caquético, opilado, sem ideias, sem vistas, lantejoulado de pequeninas frases, ensebadas fitas para efeito. Ele não tem um romance, não tem um volume de poesias que fizesse época, que assinalasse uma tendência. É um tipo morto antes do tempo na orientação nacional” (ROMERO, 2002, p. 144). Na verdade, incomodava a Romero o estilo pessimista, humorístico e *conteur* de Machado, que, em seu entendimento, não condizia com o cenário nacional brasileiro. Jamais aceitaria Sílvio devaneios literários, por isso considerava Machado um escritor de “Natureza eclética e tímida, sem o auxílio de uma preparação conveniente, entrou a ser um parasita, espécie de comensal zoológico, vivendo à custa de uma combinação do classicismo e do Romantismo” (ROMERO, 2002, p. 144).

Machado de Assis (1897) é não só a defesa de um escritor superior a Machado, como também é um protesto para o reconhecimento do grupo intelectual surgido em torno da Faculdade de Direito do Recife, no caso, a Escola do Recife. Romero denunciaria diversos escritores nordestinos, como por exemplo, do Maranhão e Sergipe, esquecidos pelas rodas literárias do Rio. Pôs em xeque a capacidade criadora de Machado de Assis por sua poesia tranquila, considerada como sem força e calor porque o escritor, para ele, teria que ser combatente, uma vez que tinha uma missão a cumprir. O autor de *Dom Casmurro* era o escritor oposto a Sílvio.

Enquanto para Machado era preciso certo *sentimento íntimo*, um ideal de crítico diferente do que esperava Sílvio, que analisava obras querendo ver patriotismo nestas, a partir da visão dele próprio, o escritor sergipano foi bem o intelectual que Nicolau Sevcenko denominou de *mosqueteiro intelectual*, que lutava na linha de frente do jornalismo literário, participando das lutas abolicionistas e republicanas durante os idos de 1870 (SEVCENKO, 1995). Para Machado não bastava pura e simplesmente assimilar o “bando de ideias novas” oriundo da Europa para falar do Brasil, fosse por meio da prosa ou da poesia. Era indispensável um *sentimento íntimo* em busca da nacionalidade literária,

Um homem pode ter as mais elevadas idéias, as comoções mais fortes, e realça-las todas por uma imaginação viva; dará com isso uma excelente página de prosa, se souber escrevê-la: um trecho de grande ou maviosa poesia ser for poeta. O que é indispensável é que possua a forma em que

se exprimir. Que o Sr. Romero tenha algumas idéias de poeta não lho negará a crítica: mas logo que a expressão não traduz as ideias, tanto importa não as ter absolutamente. Estou que muitas decepções literárias originam-se nesse contraste da concepção e da forma; o espírito, que formulou a idéia, a seu modo, supõe havê-la transmitido nitidamente ao papel, e daí um equívoco. No livro do Sr. Romero achamos essa luta entre o pensamento que busca romper do cérebro, e a forma que não lhe acode ou só lhe acode reversa e obscura: o que dá a impressão de um estrangeiro que apenas balbucia a língua nacional (ASSIS, 2008, p. 828)

Romero criticou o papa da Literatura nacional por sua descrença com as ideias científicas

Não tendo, por circunstâncias da juventude, uma educação científica indispensável a quem quer ocupar-se hoje com certas questões, e aparecendo no mundo literário há cerca de vinte e cinco anos, o Sr. Machado de Assis é um desses tipos de transição, criaturas infelizes, pouco ajudadas pela natureza, entes problemáticos, que não representam, que não podem representar um papel mais ou menos saliente no desenvolvimento intelectual de um povo. Quando ele apareceu, já na Europa o Romantismo estava plenamente em dissolução, e no Brasil o olhar exercitado podia bem distinguir os germens de decadência que lhe rompiam no seio. O Romantismo já tinha produzido entre nós suas melhores obras na poesia, no romance e no drama. Magalhães, Porto Alegre, Pena, G. Dias, Alvares de Azevedo, Macedo, Teixeira e Souza, Junqueira Freire para só falar nestes oito, haviam levado a efeito suas melhores produções e criado em torno de si uma multidão de epígonos. Alencar já tinha produzido seu Guarani, rasgando novos horizontes ao romance nacional. O Sr. Machado tinha, portanto, de ocupar um lugar secundário na cauda do Romantismo, na frase de Zola, a não ser ele uma inteligência superior. É o que não é, e por isso ficou justamente no lugar que lhe competia (ROMERO, 2002, p. 143-144)

Diferente da convicção de Sílvio, Machado de Assis argumentava que “não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo” (ASSIS, 2008, p. 810). O autor de *Esaú e Jacó* era o típico escritor que primara pelo estilo e não por uma Literatura onde o estilo estivesse ao serviço da aplicação, porque ela mesma seria reflexo das transformações sociais e políticas da sociedade. Machado era possuidor de um estilo e de uma capacidade irônica, de uma crítica extremamente apurada, ao passo que Sílvio era o turbilhão coberto de ideias novas que concebia a literatura como reflexo das transformações sociais, sendo o escritor um guerreiro que tem em mãos a arma literária. Em *O Alienista*, Machado ironiza o entusiasmo da nova geração por meio do célebre personagem Simão Bacamarte, que chegava à Vila de Itaguaí conhecendo as ideias do positivismo e do evolucionismo, incutindo as mais novas Teorias, de Pinel e Esquirol, acerca da loucura; de posse dessas Teorias o dr. Simão Bacamarte encara toda a sociedade como

insana, a cada dia punha mais pessoas no sanatório, só restando o trágico fim de que a anormalidade residia no próprio médico (MURICY, 1998).

Mas os desafetos de Romero não findaram em Machado de Assis. Criticou toda a geração dos escritores românticos, como Alencar, os Macedos e os Magalhães, a filosofia espiritualista de Victor Cousin, esteio simbólico do primeiro Império Brasileiro, tão bem assimilada e divulgada pelo católico Monte Alverne, porque a imagem divulgada pelo Romantismo brasileiro, além de não incluir o negro na História literária nacional, era fantasiosa. Sua crítica ao *status quo* imperial como a de grande parte de sua geração recaía sobre os escritores do Romantismo brasileiro, criadores e divulgadores de uma imagem considerada irreal do país.

Vale lembrar que Sílvio Romero começara sua carreira literária escrevendo na *Crença* do Recife, combatendo os escritores do Romantismo. Tal crítica se processava na medida em que considerava a *mania tupiniquim* destes escritores, ou melhor, a forma de analisar o Brasil sem uma Teoria científica, que pudesse apreender o Brasil real, num momento onde o ideal modernizante marcava os grupos de estudantes, letrados das faculdades de direito e de medicina, a atividade da imprensa, os grêmios literários da época, etc. O ataque ao Romantismo datava dos tempos em que era aluno na Faculdade de Direito quando publicou seu primeiro ensaio, *A Poesia contemporânea e sua intuição naturalista*, em 1869.

É bem verdade que divagara Sílvio pelo campo da poesia com seus *Cantos do Fim do Século* (1878) e *Último Arpejo* (1883), sendo considerado por Antonio Cândido um mau poeta, mas o que nos interessa é sua contribuição como intérprete do Brasil. Foi Sílvio o intérprete brasileiro que introduziu no país a *crítica científica*, calcada nos fatores do meio, da raça e do momento histórico, por acreditar, como dizia, que as teorias fechavam o Brasil nos “quadros de ferro do determinismo”. Traçando o quadro da Filosofia no Brasil, criticou todos os seguidores do Positivismo no Brasil, inauguradores do comtismo, poupando somente Tobias Barreto, o líder da Escola do Recife. Combateu o médico Luís Pereira Barreto, autor das *Três Filosofias*; o Visconde do Rio Grande que publicara em 1875; o *Fim da Criação ou a Natureza Interpretada pelo senso Comum*, e a tese intitulada *As Funções do Cérebro* do médico Dr. Domingos Guedes Cabral.

Sílvio carregava a fama de belicoso e destemperado, escritor que não poupava ninguém, que sempre deu a mão à palmatória. Era bem o que traça Antônio Dimas quando afirma que o bacharel, “nunca se intimidou na sua coragem sertaneja e nem economizou seu

verbo abundante, algumas vezes repetitivo e prolixo, na defesa de seus pontos de vista” (DIMAS, p. 78). Era característica de sua personalidade a reprovação, a polêmica, a crítica. Máximas como essa eram corriqueiras nas análises de Sílvio: “Pode afirmar, em virtude da indagação histórica, que a Filosofia, nos três primeiros séculos de nossa existência, nos foi totalmente estranha” (ROMERO, 1969, p. 7)

Discordando dos seguidores de Comte no Brasil, Romero trazia consigo as concepções naturalistas embutidas em sua maneira de interpretar a sociedade brasileira. Apesar de ter afirmado que Tobias não fora seu mestre, ainda que reconhecesse a este ideias, pontuando pontos de encontros e desencontros com seu conterrâneo sergipano, o autor de *Os Estudos Alemães* jamais fora criticado por Sílvio. O fato de nunca ter ido ao Rio de Janeiro e de ser mulato são argumentos elencados por Sílvio em defesa da injustiça cometida ao amigo conterrâneo de Lagarto.

Essa é só mais uma das polêmicas de um escritor de vasta produção, que não deve ser lido deixando que esse viés se torne mais relevante do que o conhecimento de sua produção e contribuição como intérprete do Brasil. É redundância ou simplismo por parte da historiografia se ater preferencialmente ao lado polêmico do autor na tentativa de compreender sua obra, porque embora saibamos que boa parte desta produção tenha sido motivada por questões pessoais, o conhecimento e a produção de Sílvio não se reduz a ataques e contra-ataques. Fazemos essa ressalva porque sabemos que as obras de Romero não se propõem a esmiuçar o caráter dele próprio, visam nomes específicos, buscam o reconhecimento de seu grupo do Recife e escritores que ainda não eram beneficiados com o que ele considerava relações amistosas na *República das letras*. Toda essa vasta produção é sim comprometida com o tipo de escritor que foi provido de forte temperamento, mas nos cabe apenas registrar este aspecto e seguirmos suas convicções para avançarmos em nossas análises de um significativo intérprete do Brasil.

Racismo: o ponto crucial do olhar de Sílvio Romero

O nome de Sílvio é consagrado pela historiografia como um autor racista. Dessa forma, não há trabalhos que não chame a atenção para um Sílvio Romero determinista, o que é uma meia verdade, pois o escritor as vezes relativizava este traço determinista. O objetivo principal de Sílvio era traçar a contribuição de brancos, negros e índios, no que descobriu a

singularidade da figura do mestiço, o “genuinamente nacional”, determinando e singularizando a cultura brasileira. Combatendo a dissertação do bávaro Von Martius, *Como se escreve a História do Brasil*, trabalho premiado pelo IHGB, documento que fundava a identidade brasileira situando no rol das nações, apontava a influência das raças por meio das *forças diagonais*, analisada também por Varnhagem, trabalhos combatidos por Sílvio.

Num país constituído em grande parte de mulatos, herdeiros diretos de negros africanos, o racismo brasileiro era nublado pela ideia da inexistência de um *apartheid* racial, como nos Estados Unidos, dando a impressão de que por aqui não existia desigualdade entre as raças. Nessa ótica, como outra era a situação brasileira, o negro de origem nos Estados Unidos que muito dificilmente conseguiria ascender socialmente, por conta de sua origem racial, no Brasil, surgia a sensação de um paraíso racial. Democracia esta que em tese, segundo concepção dos escritores racistas da época, dava condições para a emancipação do negro, que inevitavelmente “embranqueceria”, tornando um “negro de alma branca”, na célebre expressão de Florestan Fernandes.

Desse modo, dada a não separação entre espaços estritos à negros e brancos no Brasil, possibilitando aos primeiros adentrar ao mundo dos brancos, inexistia no Brasil um *preconceito de origem*, mas sim *preconceito de cor*, instrumento *sine qua non* para sedimentar a ideia de democracia racial, argumento que seria tenazmente combatida pelo grupo de escritores surgido em torno da Universidade de São Paulo, em 1950, especialmente em torno de Roger Bastide e Florestan Fernandes.

Ao longo deste processo, cronistas, viajantes e ensaístas contribuíram à sua maneira em busca do *nacional*, mesmo que a visão sobre o Brasil não incidisse de maneira clara sobre a raça, como viria a acontecer com a geração de Sílvio, num “momento em que são absorvidos os determinismos científicos e todas as ideologias que o acompanham, adotam-se também ali as teorias sobre o clima, o solo, a mestiçagem, ideias duradouras de grande trânsito no horizonte cultural e que teriam vida longa no pensamento intelectual brasileiro, só vindo a ser questionadas radicalmente pelos modernistas na década de 1922” (SANTOS & MADEIRA, 1999, p. 76)

Sabemos que todo o arsenal teórico oferecido pelas Teorias raciais não fora aceito de maneira passiva, isso nos leva a inserir a questão racial no universo maior das relações sociais ao longo do desenvolvimento econômico, na economia de base rural de um país dependente, marcado pelo patriarcalismo de nossas elites, frente a alguns países europeus,

independente politicamente, mas não economicamente. É nessa estrutura patrimonial que devemos entender as implicações da raça, uma vez que era o senhor branco o mais prestigioso elemento dessa estrutura, o que restou aos milhares de escravos negros e brancos livres foram ocupações marginais indispensáveis à autoprodução do sistema escravista. Essa é a visão de Florestan Fernandes, que pensa que o fim da escravidão não trouxe a liberdade do negro, pelo contrário, os negros livres foram de fundamental importância para a reprodução do sistema capitalista.

A nostalgia de Sílvio, seu pessimismo, sua agonia, sua frustração (designações de Skidmore), deviam-se à aceitação de índios, negros e mestiços, considerados inferiores, ao mesmo tempo que eram tais raças, as formadoras da singularidade brasileira, a matéria prima da nação. Skidmore arrola a influência das três escolas do pensamento científico da época que marcaram o pensamento da elite intelectual brasileira da América Latina e do Brasil, inserindo Sílvio como um dos representantes do *darwinismo social*. De acordo com este, Sílvio fora um reformador liberal, um *nacionalista frustrado*. Ainda com Skidmore, o determinismo racial e geográfico foi assimilado por boa parte da *intelligentsia* brasileira e, no caso específico de Sílvio, apropriou-se das ideias de Buckle para explicar a *psicologia* ou o *caráter nacional* brasileiro.

Sílvio foi o primeiro escritor a ver a mestiçagem como fator positivo, ao contrário dos posteriores Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Oliveira Viana. Acreditando na superioridade da raça branca, investiu na formação do povo brasileiro que ia desde o homem da cidade aos sertanejos, pescadores, tangedores de bois, moradores das pequenas vilas de sua querida Lagarto. Embora sua tese não seja original (o próprio Martius discorre sobre a participação das raças na formação brasileira, as *forças diagonais*), e algumas vezes se mostre contraditória, a diferença de Sílvio com relação aos escritores anteriores (e mesmo alguns posteriores), é a aposta na mestiçagem justificada por sua visão científica, como por exemplo, a crença da superioridade da raça branca, das leis evolutivas e da mestiçagem.

Como se não bastasse uma estrutura social por demais liberal, a possibilidade de ascensão social do negro era quase nula. Deriva daí o sentido pejorativo que o termo mestiço veio a adquirir, este soava não somente como uma raça diferente da branca, ia além: era responsável por impedir o progresso e colocar a ordem social do país em xeque. Não sem razão, inúmeros escritores brasileiros por trás de suas penas carregavam para sempre o estigma da cor, obstando toda e qualquer forma de ascensão pelas letras. O próprio Sílvio

Romero, quando polemizou com Machado de Assis e José Veríssimo, trazia à tona a questão da cor. Sem nenhuma comprovação científica, foi a partir da ótica racial que a situação do país foi interpretada.

A questão principal, que norteou as análises dos intérpretes contemporâneos de Sílvio foi apontar o caminho de um país que pretendia progredir na escala do *progresso* ou da *civilização* com uma população mestiça. O que fazer para fugir a essa grave situação, que refletia o *atraso* ou a *barbárie* em todas as instâncias do país?

Recuperando mais uma vez o brasilianista norte americano Skdimore, este aponta a ideologia do *racismo científico* operacionalizado pelos *construtores de mitos*, divulgado pela literatura de cunho naturalista, em que Sílvio foi um dos escritores mais fecundos. Assim, é Sílvio, dentre tantos outros autores naturalistas, influenciado pelas ideias evolucionistas e deterministas, responsável pela construção de um Brasil branco, que pensa a futura nação brasileira marcada pela vitória do sangue europeu, acreditando que em cinco séculos estaria concluído o branqueamento do país. Só assim o Brasil estaria formado tal e qual uma nação moderna. Apostando nesse futuro branco para superar todos os problemas brasileiros, Sílvio é visto por Skdimore como um autor racista, sendo o mais importante nome do racismo científico brasileiro.

Roberto Ventura esclarece a forte presença do naturalismo na literatura de Sílvio, “As noções de raça e natureza, de trópicos e miscigenação estão no centro de todo o debate do século XIX sobre a nação brasileira e sua Literatura. Um povo branco ou mestiço? Cultua ou barbárie? Pode haver civilização nos trópicos? Estes foram alguns dos dilemas vividos pelos críticos que se perguntavam qual o tipo de Literatura, quais as formas de estilo criadas, em meio à natureza tropical, por um povo mestiço”. (VENTURA, 1994, p. 41)

Esmiuçando as vertentes científicas, Lilia Schwarz se debruça sobre a chegada e a circulação das ideias que advogavam a superioridade inata das raças, uma das mais importantes crenças de Sílvio, sustentando e resguardando toda uma estrutura liberal, a partir de 1870. A antropóloga não apenas identifica os estabelecimentos responsáveis pela recepção das teorias raciais, no caso, museus, institutos históricos, faculdades de direito e de medicina, como aponta o novo olhar sobre as interpretações brasileiras. Com relação a Sílvio, escreve:

Se existe alguém que procura de forma quase doentia orientar sua vida tal qual um “homem de Ciência”, esse alguém é Sílvio Romero. Intelectual de

muitos radicalismos, de erros e acertos em suas avaliações, Romero foi, sobretudo um homem de seu tempo ao tentar aplicar todo um ideário científico à complexa realidade nacional.

Sílvio Romero era antes de mais nada um grande agitador. Autodidata e pouco preocupado com o que chamava “pura especulação”, utilizou com entusiasmo a última palavra em Ciência e Filosofia para lidar de forma direta com os problemas nacionais. Na verdade, as diferentes matrizes teóricas só o interessavam na medida em que ajudavam a pensar em um compromisso com as questões locais, em novas aspirações de uma nacionalidade.

Dentro do contexto intelectual da época, a produção de Romero se destacou pelo radicalismo das posições e o apego ao Naturalismo evolucionista, em oposição ao Positivismo francês. Empregando uma terminologia até então desconhecida - retirada de autores como Haeckel, Darwin, Spencer -, esse intelectual de Recife acreditava ver na mestiçagem – tão temida – a saída para uma possível homogeneidade nacional.

A novidade estava, porém, não apenas na argumentação, como também na postura teórica (compartilhada por boa parte dos mestres de Recife), que encontravam no “critério etnográfico” a chave para desvendar os problemas nacionais. Nele, o princípio biológico da raça aparecia como o denominador comum para todo o conhecimento. Tudo passava pelo fator raça, e era a ele que se deveria retornar se o que se buscava explicar era justamente o futuro da nação.

Assim, se as posições de Romero abrandaram-se com o tempo, o mesmo não pode ser dito desses períodos finais do século XIX. Frases como “o povo é o que é, o que ele vale o que fez dele a raça” (SCHWARCZ, p. 153-154)

Numa estrutura fechada como a sociedade brasileira que viu o momento áureo do escravismo desde os fins do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quase nenhuma possibilidade de fundo estrutural do ponto de vista social era deixada aos negros, mestiços e brancos livres, porque oferecer o mínimo recurso a essas camadas era o mesmo que pôr em risco o poder do senhor ou do próprio modelo de reprodução do sistema escravista. Não é sem razão que para Florestan Fernandes

Naqueles limites, não cabiam nem o escravo e o liberto, nem o “negro” ou o “branco pobre” como categorias sociais. Tratava-se de uma revolução das elites, pelas elites e para as elites; no plano racial, de uma revolução do BRANCO para o BRANCO, ainda que se tenha de entender essa noção em sentido etnológico e sociológico. Colocando-se a idéia de democracia racial dentro desse vasto pano de fundo, ela expressa algo muito claro: um meio de evasão dos estratos dominantes de uma classe social diante de obrigações e responsabilidades intransferíveis e inarredáveis (FERNANDES, 1989)

Emilia Viotti analisa os três pilares do mito da democracia racial, o que nos leva a entender como se processou o argumento pela raça nas análises brasileiras. Para Viotti, não basta explicar o mito somente buscando entender a acomodação das teorias raciais

provenientes do EUA ou da Europa no Brasil, uma vez que estas ideias não foram assimiladas de maneira passiva, mas sim voltar o olhar para o cenário interno do país. Para Viotti sempre houve no Brasil certa discriminação, mas apenas nas três últimas décadas do século XIX o racismo avulta como argumentação política, justamente porque a ordem rural do império ruía e o país atravessava por um processo de modernização das cidades, com suas estradas, bancos e ferrovias. O *racismo científico* instrumentalizado pelas elites da época consumou-se por uma elite apta a buscar seus espaços num momento de transição, quando um novo Brasil se anunciaava. Não fazia mais sentido tudo que lembrasse o Brasil do passado.

O que cabe destacar é a nova conjuntura do país, uma conjuntura que cada vez mais se tornava competitiva, fazendo-se necessária para setores dominantes a aparição manifesta do racismo. O Brasil do *paraíso racial* era o Brasil tradicional de Freyre, era o mundo da casa grande e senzala, coberto de sonhos oníricos, de evocações bebidas de Proust em “busca do tempo perdido”; ao passo que o Brasil discutido por Florestan Fernandes e Otávio Ianni era o Brasil urbano, industrial e acima de tudo, competitivo, representante das emergentes classes médias. É neste novo Brasil industrial e urbano que toma sentido a manifestação explícita do racismo. Segundo Viotti, “seria possível argumentar, segundo a análise de Van der Berghe em **Race and Racism**, que os padrões raciais no Brasil passaram de um modelo paternalista para um modelo competitivo – da acomodação racial para o conflito racial, de um sistema de relações raciais no qual o preconceito, embora presente, não era “necessário”, para um sistema no qual o preconceito é “necessário” (COSTA, 1999, p. 374)

Oligarquias do país: classificação, raça e política. O modelo do “castilhismo positivóide”

De acordo com Luiz Alberto de Almeida (2008), Sílvio Romero se encontrava entre os autores que modificaram os rumos de suas respectivas produções, quando excluídos do projeto político cultural que se tornou dominante no período republicano, sempre por razões políticas. De republicano e, portanto, de ferrenho crítico da monarquia, ele passou a atacar com mais vigor o novo regime, o qual tanto defendera nos primeiros anos de sua vigência. De fato, o alvo de suas condenações não era o regime enquanto essencialmente republicano, mas tudo aquilo que compreendia fazer parte de seus vícios, dentre eles, sua elite dirigente, os militares e até mesmo os seus valores simbólicos. Iniciou por meio de discursos e textos

uma batalha contra tudo o que tornava a República uma realidade distante daquela almejada nas suas campanhas republicanas, ou mesmo o que fazia o Brasil não se parecer com povo algum do planeta, exemplificado no trato pejorativo que dava a esse país quando comparado aos demais (ROMERO, 1910).

Dentre os diversos componentes do “mosaico” da natureza negativa da República⁵, estavam as oligarquias. Munido de um olhar mais focado nas questões econômicas e de interesses políticos pragmáticos, passou a considerá-las responsáveis, em grande parte, pela ordem social por ele chamada de “federalismo caudilhista, que esfacela todo o paiz, armando Estados contra Estados” (ROMERO, 1910, p. 273-274) e pelo desvirtuamento do projeto republicano. Nesse sentido, procurou combatê-las em seus livros e discursos, como na conferência de 26 de agosto de 1903, no centenário de Duque de Caxias.

Não obstante, foi em discurso pronunciado no dia 31 de maio do referido ano, munido de sua típica “agressividade textual, capacidade argumentativa [...] e um espírito destruidor capaz de provocar inimizades e rancores externos” (ALMEIDA, 2008, p.83), que se prestou a analisá-las minuciosamente, expondo todo o mal que causavam ao país. Romero justificava a classificação das oligarquias, externalizando suas angústias e indignação acerca de suas existências, entendendo ser fundamental destruí-las, pois eram “monstruoso parasita [...] [e] fecundo manancial de nossas desgraças” (ROMERO, 1910, p.403-404). Enxergava como solução o completo estudo de sua gênese e classificação, no entanto, que devesse ser realizada por intelectuais.⁶ Reforçava essa opinião com a descrença nas capacidades dos políticos, rotulados como inimigos dos verdadeiros intelectuais, incapazes de se preocuparem com coisas sérias e de realizarem estudos que ultrapassem alinhamento de frases. O quadro desfavorável da situação política brasileira foi apresentado pela metáfora de um mastodonte, simbolizando o país, dividido em vinte pedaços, representando os estados, que apodrecem e são devorados por abutres, as oligarquias.

Após externalizar sua consternação, Sílvio Romero define os quatro tipos de oligarquias que retalham o “crucificado” Brasil. A primeira delas são as *oikoarquia* ou

⁵ Segundo Luiz Alberto Almeida, foram muitos os componentes do cenário de desilusão o qual vivia. Dentre eles, “o sistema de governo, os militares, a elite dirigente, o povo, as oligarquias e os intelectuais [...]. Não sobra sequer sua própria trajetória pessoal, das mais brilhantes e equivocadas, lúcida e reacionária, da história intelectual brasileira” (2008, p. 125-126).

⁶ A respeito de sua defesa em relação aos intelectuais, considerava-os mais capazes e verdadeiros portadores do papel civilizador e compromissado com a regeneração do país (ALMEIDA, 2008).

oikocracia. O primeiro dos nomes se refere a uma fusão entre oligarquia e o termo grego *oiko*, originalmente “casa”. Seriam oligarquias originadas a partir da casa, do lar,

porque não passam de reproduções do *obsoleto familismo primitivo*, mero *communarismo* de família, conhecido em remotos tempos, de há muito desaparecido dentre gentes cultas, formula bastarda de organização político-social, cujo exemplar mais completo entre nós é o que se poderá apelidar – *o accyolismo* – cearense. (1910, p.412).

Romero aproveita as classificações para fundamentar suas críticas pessoais, com exemplos sólidos. Em questão, ataca a família Acióli, que dominou o Ceará por aproximados quinze anos, entre 1896 e 1911⁷, até então próxima politicamente de Pinheiro Machado, considerado pelo intelectual um dos maiores culpados pela situação negativa da política no Brasil.⁸ Para ele, “Esse *accyolismo oikoarchico* é o tipo mais generalizado das oligarchias brasileiras: o tipo *familista*”(ROMERO, 1910, p.412-413).

Seguindo sua linha de raciocínio, Romero apresenta o segundo tipo de oligarquias existentes. Trata-se de um pequeno grupo, de pessoal insuficiente para se caracterizar o familialismo, tendo assim que dividir o poder com aliados, “alguns amigos e camaradas do peito”. Uma “hibridação” do qual chama de *grupismo semi-familista e amigueiro*, e que podemos compreender como uma rede de famílias e aliados que controlam politicamente um determinado estado. Logo, como bem lembra o autor, corresponde mais de perto ao significado do termo “oligarquia”.

São apresentados exemplos em diversos estados, o que torna esse tipo nada incomum: Maranhão, com o grupo dos Beneditos Leites; no Piauí, com os Pires Ferreira e Anísios de Abreu; em Pernambuco, com os Rosas e Silva; chegando até mesmo em São Paulo, com os Glicérios (referência a Francisco Glicério, antigo líder do Partido Republicano Federal – PRF), com os Rodrigues Alves, entre outros grupos; em Minas Gerais com os “Penna” (referência a Afonso Pena, então presidente do Brasil no dia do discurso), entre outros grupos e estados (ROMERO, 1910).

O terceiro tipo é identificado, embora sem abandonar as generalizações, por características mais peculiares, as traições políticas, e têm relação direta com algumas influências teóricas adquiridas pelo autor ao longo de sua trajetória enquanto intelectual.

⁷ A respeito da oligarquia da família Acióli, cf. CARONE, 1975. O historiador apresenta um pequeno histórico da emergência, domínio e decadência dessa família no Ceará.

⁸ São diversas as críticas e os adjetivos pejorativos de Sílvio Romero endereçados a Pinheiro Machado. Em uma de suas obras, o autor o chama de detestável politicão, dеспota, oligarca-mor. Curioso observar que em muitas passagens se refere pejorativamente a outros políticos como “Pinheiros Machados” (ROMERO, 2001).

Alude somente aos estados de Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Goiás. Nesses lugares, as oligarquias são marcadas pela

reprodução atávica do sistema dos *Indunas* africanos e por isso tem reinado preferentemente nas terras onde o mestiçamento dessa origem é mais intenso no paiz: a subserviência matreira, como meio de succeção no poder e a subsequente *traição*, como meio de substituir um grupo oligárquico a outro (ROMERO, 1910, p.415).

A presença de determinados descendentes africanos, e principalmente a mestiçagem, aspectos eminentemente raciais, seriam fatores determinantes para forjar governos oligárquicos marcados por subserviência matreira seguida de traição. A fim de reforçar seu pensamento, justifica os exemplos utilizando a histórica presença do trabalho escravo e de atividades monocultoras de exportação nos locais onde ocorrem esse tipo:

Na terra classica do antigo operariado negro no cultivo do tabaco e da canna de assucar – *Severino* destrona a *Vianna* e é destronado por *Marcellino*, que o será infallivelmente por alguém; nas terras do *Rio da escravidão* [Rio de Janeiro], *Peçanha* trahe a *Portella* e outros e é trahido por *Backer*, que o será por seu turno; nas regiões do goyano e dos pastoreios de coribocas, - *Bulhões* é trahido por *Xavier de Almeida*, que o será também oportunamente por outro; no Espírito Santo, *Moniz Freire* é trahido por *Henrique Coutinho*, que há de mais tarde ter o mesmo destino. Uma verdadeira degradação!... (ROMERO, 1910, p.415).

O primeiro ponto a nos chamar a atenção é que Sílvio Romero, com ar de propriedade e certeza, chega a prever o destino de alguns integrantes dos grupos políticos exemplificados, acreditando na “automática” transição do papel de traidores para o de traídos, como se os acontecimentos estivessem previamente determinados. Para realizar esse julgamento, mune-se da teoria racial de Herbert Spencer.⁹ Ela será responsável primeiramente por lhe fornecer um ideal de sociedade, especialmente a do liberalismo spenceriano¹⁰; em seguida, por despertar a sua atenção “para as formações díspares dos povos mestiçados, nomeadamente os da América do Sul, e por esse caminho, havia sido conduzido às conclusões a que chegou”

⁹ Segundo Samuel dos Santos (2008), foram vários os autores que influenciaram Silvio Romero ao longo de sua vida, estando entre eles Ammon, Buckle, Comte, Conde de Gobineau, Darwin, Kant, Lapouge e o próprio Spencer.

¹⁰ Luiz Alberto de Almeida trabalha com a formação intelectual de Silvio Romero no capítulo 2 de sua tese. Sobre as influências de Spencer mencionadas no parágrafo acima, cf. ALMEIDA, 2008. Dentre essas influências estaria o “darwinismo social”, a qual, nos Estados Unidos, “destacava a livre concorrência como lei fundamental da natureza, e o triunfo do mais apto (isto é, do homem de negócios bem-sucedido) sobre os menos aptos (isto é, os pobres). A sobrevivência do mais apto também podia ser indicada, e de fato assegurada, pela conquista das raças e povos inferiores ou pelas guerras contra estados rivais” (HOBSBAWM, 2006).

em todos os escritos acerca de minha pátria” (ROMERO, 2001, p.34). Seria a sua grande referência para identificar e analisar os povos considerados “inferiores”.

O segundo ponto é a sua opinião sobre a mestiçagem. Com o passar dos anos, ela deixou de ser positiva para se tornar negativa, principalmente por causa da presença de raças negras e indígenas. Dessa forma, passou a enxergar a mistura racial brasileira como uma das causas da degeneração e instabilidade política e moral da população do país (ROMERO, 2001b *apud* ALMEIDA, 2008). Paradoxalmente, a solução para esse problema seria também a mestiçagem, contudo com raças consideradas superiores, para que houvesse então um paulatino embranquecimento da população. Era essa a fórmula para driblar as críticas vindas de intelectuais europeus, como as do Conde de Gobineau, defensor da superioridade da etnia branca, e, destarte, pessimista quanto ao futuro do Brasil (SANTOS, 2008).

Romero, nacionalista, não via com bons olhos essas críticas, apresentando como contraponto a alternativa da miscigenação com a raça branca. Mas não discordava de Gobineau em sua doutrina racial. Assim, por um lado classificava a raça branca, particularmente a anglo-saxã, como a mais completa, tornando-se condição *sine qua non* sua assimilação para surgir o Brasil “dos sonhos”, por meio da imigração¹¹; por outro, a mestiça, composta por seres inferiores, incapazes de reproduzir adequadamente leis, constituições e instituições “dos mais aptos”. De tendência “grupista”, uma herança ibérica, seria ela a responsável por um regime político “centralista”, cujo instinto de conservação implica a existência de um caudilho, um oligarca, um clã dirigente e opressor (ROMERO, 2001).

O ponto seguinte a nos chamar atenção é a vinculação que faz entre raça e traição. Os descendentes de escravos, ocupando posições políticas e pertencentes a determinadas facções, seriam “naturalmente” propensos a esse tipo de atitude negativa. A elas, Romero nutria repúdio particular, mágoas das traições políticas que acreditava ter sofrido. Vinham tanto da classe política, responsável pelo surgimento de uma República muito aquém daquela idealizada quando jovem; quanto de intelectuais, como Machado de Assis, um dos representantes do “próprio saber oficial, [d]a vida intelectual e institucionalizada da nação” (ALMEIDA, 2008, p.124).

¹¹ Sílvio Romero (2001, p. 233-234) identifica no Brasil dos seus sonhos a assimilação da formação e dos contingentes das “raças particularistas do norte”, mas com o uso exclusivo da língua portuguesa para que não se perdesse a “constituição histórica luso-americana”. Deixa claro sua simpatia pela imigração europeia, seu projeto de embranquecimento da população brasileira e seu nacionalismo étnico-lingüístico (SANTOS, 2008).

Por fim, destacamos a classificação que Silvio Romero trata do grupo político o qual nos propomos a investigar. A oligarquia de Moniz Freire serviu de exemplo para referendar a crença de que o Espírito Santo se enquadrava no rol dos estados fadados a serem governados por políticos acostumados aos atos de traição, isso, conforme vimos, fruto da mestiçagem. Estaria entre os locais onde a presença africana foi significativa e, mais precisamente, onde houve o desenvolvimento de atividades econômicas agrícolas (fumo e cana de açúcar). Deste modo, a seu ver, esses requisitos determinaram – e determinarão – que a alternância de poder deve ocorrer mediante contínuos “destronamentos”, algo inevitável, o que faz dessa classificação ser diretamente condicionada ao meio físico e social.¹²

Remetendo-nos às classificações que o autor realiza, chegamos a quarta e última, chamada de “castilhismo positivoide”. Analisada em poucos parágrafos, ela possuía esse nome, pois:

É um agrupamento *sui generis* de índole semi-doutrinaria, que sabe espalhar o *terror*, tendo tido sempre a fortuna de estribar-se em tres alavancas: a dinheirama originada do *contrabando* das fronteiras, os recursos das *tropas federaes*, e tal ou qual prosperidade, produzida pelos *colonos*, de origem estrangeira.

Grande parte da população, porém, vive foragida no Estado Oriental [Uruguai], na Argentina e em varios estados brasileiros, sob o estygma de federalistas ou maragatos. Como chefe no Rio de Janeiro tem o castilhismo destacado um celebre caudilho [Pinheiro Machado],— tutú de todos os covardes e protector de todos os imbecis... (ROMERO, 1910, p.416).

Sílvio Romero atribui apenas ao Rio Grande do Sul essa classificação, porquanto entende ser uma situação “especial”. Para melhor defini-la, utiliza como ferramenta todo o seu ódio e desprezo pelo positivismo ortodoxo¹³, pela oligarquia gaúcha (sobretudo na pessoa de Pinheiro Machado) e pelas agitações sociais, em questão a Revolução Federalista.

¹² De acordo com Samuel Martins dos Santos (2008), a crença na capacidade de interferência do meio físico e social na formação de uma sociedade é fruto da influência recebida da Escola de Le Play. Esse pensamento pode ser identificado quando Romero (2001, p. 230) afirma que “A doutrina de Le Play, vigorizada por Tourville, Demolins, Rousiers, Poinsard, Pinot, Descamps e toda uma plêiade de ousados investigadores, presta o inestimável serviço de ensinar a observar o povo nas diversas zonas do país na labuta especial de seu viver, de seus modos e meios de trabalho, determinar a consequente estrutura da família que brota naturalmente daqueles fatores primordiais e o caráter inevitável que dali advém à população”.

¹³ O positivismo foi uma corrente de pensamento que tinha princípios básicos formulados pro Augusto Comte (1798-1857). No Brasil, de forma geral, seus adeptos pregavam entre outras medidas, um Estado laico, modernização conservadora, neutralização dos políticos tradicionais, a abolição. Após a morte de Comte, houve uma divisão entre seus seguidores, girando em torno das pregações finais de Comte, as quais possuíam cunho simbólico-religioso. Nesse sentido, os “ortodoxos” foram fieis seguidores ao último estágio das ideias comtianas, enquanto os “dissidentes” ou “heterodoxos”, discordavam dessa guinada acusando Comte de insanidade. Sobre isso ver CARVALHO, 1990; FAUSTO, 2002b e MAESTRI, 2011.

Em relação ao positivismo, Romero, outrora influenciado por Comte, rompe com esse paradigma. E, de discordâncias teóricas iniciais, o sentimento tornou-se de total aversão, pois o positivismo entrou no campo da política, e da forma que mais rechaçava: para fundamentar tanto conflitos armados, como a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul¹⁴, quanto facções políticas, como a de Julho de Castilhos¹⁵, vencedor daquele conflito. Consciente da necessidade de desconstruir a teoria positivista, em 1895, chega inclusive a escrever uma obra, intitulada *Doutrina contra Doutrina: evolucionismo e positivismo no Brasil*, onde critica a concepção estanque de evolução e apresentação do positivismo como única filosofia capaz de emancipar a sociedade (SANTOS, 2008).

Essa aversão doutrinária sem dúvida fora alimentada pela aversão, também crescente, às oligarquias, em especial àquela residente no Rio Grande do Sul. Isso explica em boa parte a razão de ter dedicado uma classificação exclusiva para esse grupo. Para ele, o “castilhismo positivoide” reunia o que entendia haver de pior, dedicando-se, em uma de suas obras¹⁶, a falar duramente a respeito desse grupo. Como agravante, é de lá oriundo Pinheiro Machado¹⁷, o “oligarca dos oligarcas”, considerado por Romero um dos principais responsáveis pela situação política negativa vivida pelo Brasil.

¹⁴ A Revolução Federalista ocorreu entre 1893 e 1895 no Rio Grande do Sul. Foi uma guerra civil entre republicanos históricos, adeptos da teoria positivista, liderados por Júlio de Castilhos e aglomerados em torno do PRR (Partido Republicano Rio-grandense), e antigos membros do Partido Liberal, liderados por Silveira Martins, aglomerados em torno do PF (Partido Federalista). Apesar de sangrentos conflitos, o grupo de Castilhos, com apoio do governo federal, saiu vencedor (FAUSTO, 2002b).

¹⁵Júlio Prates de Castilhos foi importante ator político no Rio Grande do Sul, principalmente durante a Primeira República. Assim como Moniz Freire, era formado em Direito na faculdade de São Paulo, e influenciado pelas ideias positivistas comitianas. Entretanto, a diferença daquele, era republicano e foi, portanto, um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), juntamente com Assis Brasil e Pinheiro Machado, no ano de 1882. Foi vice-presidente do estado do Rio Grande do Sul em 1890, e ainda no mesmo ano eleito deputado federal constituinte. Foi por duas vezes presidente do estado (julho-novembro de 1891 e entre 1893 e 1898). Participou ativamente da guerra civil em seu estado, conhecida como Revolução Federalista (1893-1895), do qual seu grupo acabou sendo o maior vencedor, apesar dos esforços pacificadores de Prudente de Moraes. Foi incontestável chefe político regional, até 1903, ano de sua morte. Cf. SILVA, s/d a.

¹⁶ A obra é intitulada “O Brasil na primeira década do século XX”, e foi publicada pela primeira vez em 1910, quatro anos antes de sua morte. Para ver um resumo desse livro, cf. MORAES FILHO, 1999, p. 57-63. De publicação recente, a obra se encontra inserida na íntegra em ROMERO, 2001, p. 103-236.

¹⁷ José Gomes Pinheiro Machado foi um político oriundo do Rio Grande do Sul. Foi Senador por seu estado natal em três mandatos consecutivos (1890-1915), a começar em 1890, interrompido somente em duas ocasiões: 1892, para lutar ao lado de seu amigo e aliado Júlio de Castilhos, na Revolução federalista; e 1915, quando foi assassinado. Foi vice-presidente do Senado em duas ocasiões (entre 1902 e 1905 e 1912 e 1915), cargo mais importante uma vez que o presidente do órgão legislativo era sempre o vice-presidente do Brasil. Foi importante ator político no cenário nacional, influenciando tanto algumas das sucessões presidenciais quanto certos presidentes, como Hermes da Fonseca, auxiliando na composição de ministérios – embora nunca tenha sido ministro. Possuía relações políticas também com diversas oligarquias estaduais. Cf. SILVA; MACHADO, s/d.

Jurando amar aquela terra, não poupou esforços em criticar a classe que governa o estado, a qual chama de “gente mais odienta de todo Brasil” portadora de “Almas semibárbaras de egressos do régimen pastoril, envenenadas pelas doutrinas e manhas ditatoriais de um meio positivismo grosseiríssimo” (ROMERO, 2001, p.198).

Com o costumeiro vocabulário repleto de palavras fortes, afirmava categoricamente que “se a algum dos ajuntamentos que desgraçam nossas ex-províncias cabe bem esse qualificativo, é a esse grupete do Rio Grande, onde um chefe incontrastável e meia dúzia de mandarins trazem pela gola a população, sufocando-lhe todas as liberdades” (2001, p. 198). De certa forma, essa passagem nos ajuda a compreender o porquê do “destaque” dado à oligarquia gaúcha, que, além de tudo, causava-lhe preocupação em virtude de seu crescimento no cenário político estadual e nacional, mediante a ocupação de diversos cargos públicos.

A análise desse escritor é presa ao seu tempo e obviamente às influências teóricas às quais teve contato. Teorias raciais, decepção com a república, aversão ao positivismo e às oligarquias, entre outras características, interferiram diretamente na formação de seu pensamento, considerado por alguns autores tão complexo quanto contraditório¹⁸, possivelmente por causa da sua contínua “metamorfose intelectual”, fruto das leituras renovadas que realizava. Além disso, prende-se em sua análise às parcialidades dos ataques pessoais, especialmente endereçados a Pinheiro Machado e a todos os seus aliados, em suma, àqueles que de alguma maneira contribuíam para a manutenção da ordem implantada. Fato que repete em diversas obras, mesmo naquelas em que adverte não se prender a determinados nomes (MORAES FILHO, 1999, p.58).

De modo geral, podemos inferir que as tipologias descritas por Sílvio Romero foram marcadas pelas influências imediatas que o fenômeno das oligarquias regionais produziu em torno dele e pelas suas motivações quase passionais, pautadas por um descontentamento com o regime implantado. Em muito lhe serviu os exemplos práticos, sobretudo para nortear as principais modalidades identificadas. E, a despeito de suas limitações e interpretações personalistas, presas ao contexto político vivido, Silvio Romero teve o mérito de enxergar nas oligarquias regionais, quando muitos não viam, a responsabilidade pelos problemas brasileiros, que emperravam o desenvolvimento do país (ALMEIDA, 2008).

¹⁸ Cf. LEITE, 1976 apud SANTOS, 2008; CANDIDO, 1978 apud SANTOS, 2008.

Considerações Finais

Sílvio Romero foi um importante intérprete do Brasil. Munido pelo critério naturalista assimilado pelos jovens bacharéis de sua época, nas faculdades de direito, de medicina e institutos históricos, leitores de Darwin, Buckle, Taine, Spencer, Haeckel, Comte, dentre outros, diagnosticou o país, apontando seus males, e assim, esboçando seu Brasil do futuro. Polemista nato, confrontou diversos intelectuais não apenas brasileiros como estrangeiros, acreditando nos problemas reais do país, argumento maior de sua crítica aos escritores do romantismo e de toda corrente ou de escritor que não corroborasse com o ideário crítico, no caso, o que denominava Crítica científica. Com um Teoria que creditava ao homem branco, biologicamente superior e civilizado, o modelo de sociedade a ser seguida, Romero se armou como um *mosqueteiro intelectual* em prol das mudanças que considerava indispensáveis para modernizar o Brasil, quando das interpretações irreais e tupiniquim, como afirmava.

Em busca da contribuição das “raças” formadoras do Brasil, no que apontava a figura do mestiço como o genuinamente nacional, Romero considerou os desassistidos, negros e escravos, pessoas que sofriam com o predomínio das oligarquias no Brasil de norte a sul, como também o homem do campo envolto em sua vida simples, sem o conhecimento do homem letrado que analisava o Brasil à margem do olhar fantasioso, como os escritores românticos. Mas ao mesmo tempo que trazia a cultura maior desses desassistidos acabava por criar um imbróglio, que era defender a vitória do mais forte – *struggle for life* – “que bello ensejo oferece um apreciar-se das ideias a partir do cruzamento das raças (ROMERO, 1888, p. 8), em sua missão de intérprete do Brasil.

Seu caráter de polemista, somado à vontade de mostrar um “Brasil real” fez de Romero um escritor contraditório, que em sua tarefa de crítica literária descambava para uma crítica sociológica, um homem de caráter geométrico (RABELLO, 1967). Nesse sentido, Romero foi um ambicioso, “interessou-se por todos os grandes problemas de seu tempo” (SODRE, 1965); “o intuito de Sílvio Romero foi submeter a cultura do seu país a um processo integral de crítica, a fim de desbastá-la das excrescências incômodas e mostrar-lhe o caminho certo - ambição que pode parecer pueril a quem não estiver familiarizado com a sua alta autoconfiança, e que já vem explícita nos seus primeiros livros (CANDIDO, 2006, 163). Sua obra mestra, *História da Literatura Brasil* (1888), carrega para muitos

críticos um calhamaço de informações, um quadro geral de homens que transitavam da história à economia, com sua “mania de ser o primeiro”.

Fadado à ciência, Romero falava em uma poesia científica, tamanha era sua crença desmedida na ciência. Assim, em todas as temáticas, o escritor sergipano se prendia à raça, considerando Gobineau um de seus mestres. Na análise da política nacional, tomou como modelo a Escola de Le Play, figurando o dolicocéfalo diante de um brasileiro fraco, apático, onde as oligarquias se corrompiam e praticavam atos inescrupulosos em função da herança ibérica, que nada mais era do que a degenerescência do ramo latino de civilização. As políticas dos Accioli e dos Pinheiros Machados justificava a herança ibérica, de uma raça degenerada; o Brasil teria um futuro melhor se tivesse contado com a colonização do europeu, o dolicocéfalo. Combatendo toda e qualquer Teoria que colocasse o Brasil em um “quadro de ferro”, como o Positivismo, Sílvio se torna um spenceriano, afirmando até que o progresso do país estaria completo quando o processo de fusão racial, o embraquecimento, se completasse, em um período de cinco séculos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Luiz Alberto Scotto de. *Desilusão Republicana* – percursos e rupturas no pensamento de Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Lima Barreto. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2008.
- CANDIDO, Antônio. *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero*. 1945. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.
- _____. *O método crítico de Sílvio Romero*. 4º. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COLARES, Camila; ADEODATO, João Maurício. *A obra de Sílvio Romero no desenvolvimento da nação como paradigma: da dicotomia entre o positivismo e a metafísica à adoção do evolucionismo spenceriano na transição republicana*. *Prima Facie*, João Pessoa, v.10, 19, ano 10, jul-dez, 2011, p.36-66. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/primafacie/index>>. Acesso em: 02 jan. 2014.
- COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: UNESP, 1999.
- COSTA FILHO, Cícero João da. *No limiar das raças: Sílvio Romero (1870-1914)*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de História Social da FFLCH/USP, São Paulo, 2017.
- DIMAS, Antonio. *O turbulento e fecundo Sílvio Romero*. In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia. (Org). *29 intérpretes e um país*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10º. Ed. São Paulo: Edusp, 2002b.
- FERNANDES, Florestan. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989.
- HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios*. 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

- MAESTRI, Mário. *Os Positivistas Ortodoxos e a Guerra do Paraguai*. Revista Brasileira de História Militar, ano II, n.4, p. 1-23, 2011. Disponível em: <<http://www.historiamilitar.com.br/artigo2RBHM4.pdf>>. Acesso em 18 jan. 2014.
- MORAES FILHO, Evaristo de. *O pensamento político-social de Sílvio Romero*. In: CENTRO de Documentação do Pensamento Brasileiro. Silvio Romero 1851/1914: bibliografia e estudos críticos. Salvador: s/n, 1999. Disponível em: <<http://www.cdpb.org.br/silvio%20romero.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2014.
- MURICY, Kátia. A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- QUINTÃO, Leandro do Carmo. *Oligarquias e elites políticas no Espírito Santo: a configuração da liderança de Moniz Freire*. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em História- Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016
- RABELLO, Sylvio. *Itinerário de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- ROMERO, Silvio. *O Brasil social e outros estudos sociológicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.
- ROMERO, Silvio. *Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brazil social*. Porto: Livraria Chardron, 1910.
- SANTOS, Samuel Martins dos. *Paradoxo da Primeira República no Brasil: entre a ordem jurídica e a identidade nacional*. Curitiba: Juruá, 2008.
- SANTOS, Mariza Veloso Motta & MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- SILVA, Izabel Pimentel da. CASTILHOS, Júlio de. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, s/d a. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/2>>. Acesso em: 13. Mai. 2014.
- SILVA, Izabel Pimentel da; MACHADO, Pinheiro. In: ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: FGV CPDOC, s/d. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/2>>. Acesso em: 13. Mai. 2014
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A ideologia do colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.